

*José Veríssimo:*  
*Um Pioneiro de Maringá no*  
*Horto Florestal*



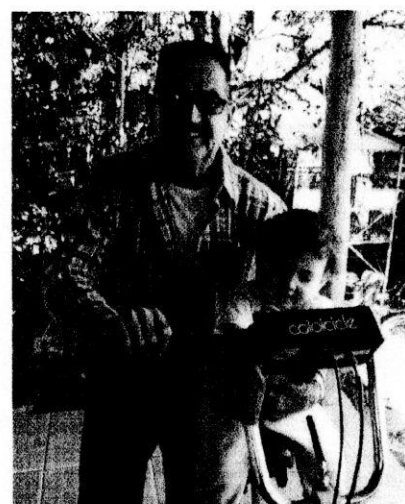
## Pioneiro de Maringá no Horto Florestal

Magro, alto, fala firme e decidida com estilo de frases curtas e metódico: esse é o Sr. José Veríssimo, “seu José”, pai de quatro filhas que chegou em Maringá no ano de 1955 com objetivo de conseguir um trabalho melhor. Veio de uma fazenda de Alvorada do Sul, cidade próxima à represa de Capivara, divisa com São Paulo. Naquele tempo, a geada queimou o café e muitos ficaram desempregados, entre eles, seu José que se aventurou para Maringá quando tinha 22 anos de idade trazendo quase que somente a mulher, dona Maria José, e a filha Raquel.

Ele resume um pouco da sua história com a frase:

*Minha história foi importante porque aqui criei minha família, e também estamos todos juntos até hoje. Atualmente moro em Paranavaí, mas a cidade de Maringá está muito bonita, é outra cidade, aqui era tudo capim, era tudo mato depois que derrubou o mato a Companhia foi plantar eucalipto lá da Avenida Euclides da Cunha até na Avenida Andrade foi alinhado para plantar eucalipto depois que cortou o eucalipto que começou a cidade, o resto era tudo mato.*

Seu José começou a trabalhar com 20 poucos anos no Horto Florestal. Quem arrumou serviço foi um amigo que apresentou ele para a Companhia Melhoramentos. Nesse período ele saiu uma vez para buscar trabalho em Jundiaí, mas logo voltou a trabalhar no Horto Florestal novamente até se aposentar. Trabalhou por 40 anos, dentre os quais um pouco mais de 37 anos registrado em carteira. Só trabalhou no Horto de Maringá durante esse período, com o senhor Aníbal Bianchini da Rocha.



Seu José com o neto Léc.

A história de Maringá possui três períodos que assinalam seu progresso, ocasionando a fundação da cidade. O primeiro trata do início do desbravamento, por volta

de 1935, quando a derrubada da mata deu início ao plantio do café, com a compra dos lotes rurais em Londrina. Ocorre nesta época a fundação da cidade de Apucarana em 1943, onde o patrimônio de Maringá passou a unificar, e posteriormente, em 1947, Maringá passa a condição de distrito de Mandaguari.

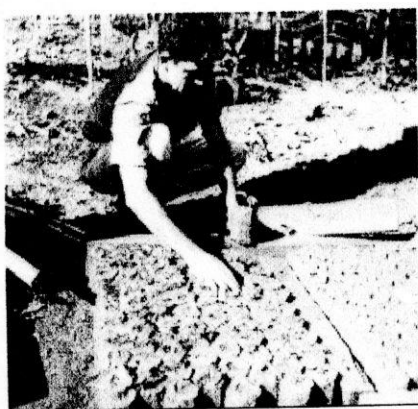
Apenas em 14 de novembro de 1951, a cidade de Maringá tornou-se independente, incluindo os distritos de Iguatemi, Floriano e Ivatuba como parte do município.



Seu José, dona Maria e as filhas.

Quanto aos estudos, seu José foi aluno de uma escola rural perto de Monte Alto, Estado de São Paulo. Aqui em Maringá fez o curso admissão ao ginásio, no Colégio Miravam Balavete Sales, local onde é atualmente o distrito de Aquidaban em Marialva.

Seu José aprendeu muito com seu trabalho. No ramo de jardinagem conhece todas as plantas e teve contribuição direta para o embelezamento das praças e avenidas de Maringá. Ele e sua família moravam na colônia do Horto florestal e trabalhava no mesmo Horto, aliás, todas as pessoas que moravam na colônia trabalhavam no Horto Florestal.



Viveiro do Horto Florestal.

Quando chegou a Maringá, o primeiro lugar que morou foi perto do Horto numa serraria desativada onde tinha uma colônia de casas, mas não funcionava mais. Quando foram registrá-lo no trabalho, passou a morar na colônia do Horto. Essa reserva fica próxima ao chamado "fim da picada", pois na época, havia uma "picada", que era um caminho aberto na mata a golpes de facão, onde fazia ligação entre o atual centro da cidade até o Maringá Velho. Esse traçado da picada serviu de referência para a construção da Avenida Brasil.

A história do Horto Florestal começa com a instalação de uma pedreira em Maringá, no ano de 1950 com a ideia de aproveitar as riquezas naturais da região. Mas

logo o diretor da Companhia Melhoramentos, Hermann Moraes de Barros, promoveu a desativação da pedreira. A cratera formada pela retirada das pedras deu lugar a um lago e sua preservação natural, onde o local se tornaria o primeiro viveiro de mudas de Maringá.



Rodoviária de Maringá, próxima à Praça Napoleão Moreira da Silva.

Em 1954, Luiz Teixeira Mendes pede afastamento do trabalho de arborização em decorrência de problemas de saúde. Ele morre três anos depois, em julho de 1957. O engenheiro florestal foi substituído por Aníbal Bianchini da Rocha, engenheiro agrônomo que deu sequência ao projeto de arborização de Maringá. Aníbal

Bianchini ficou conhecido mais tarde como “o jardineiro de Maringá”, em virtude de seu trabalho de arborização. Mas sabemos que quem “botou a mão-na-massa” mesmo foi Seu José Veríssimo e seus camaradas de trabalho.

Ele conta que as casas das pessoas eram bem simples, construídas em madeira no final da década de 60 e cobertas com telhas feitas pela própria Companhia Melhoramentos. Não tinha energia elétrica e a água era de cisterna ou poço, e também a fossa era no fundo do terreno, chamada de privada. A rua era terra batida, quase nenhuma cascalhada.

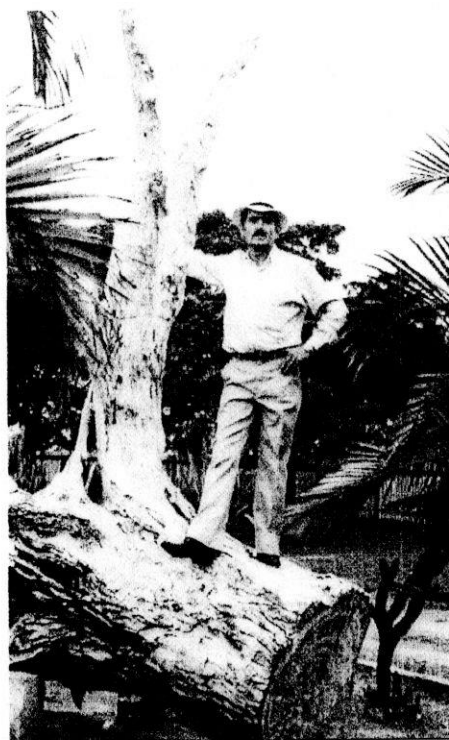
Tinha igreja no Maringá Velho e no centro. A igreja era só de católicos e ele frequentava a evangélica perto do parque de exposições onde funcionava o “Zequinha”, outra colônia onde antigamente era uma serraria. Seu José ia sempre a pé e, na maioria das vezes, com as meninas no colo.

O sistema de saúde era precário, pois naquele tempo tinha medico apenas no hospital Maringá e dentista no Maringá Velho e Avenida Curitiba. Nessa época, nada em Maringá era asfaltado, mas no centro tinha um pequeno trecho de paralelepípedo.

Para ele, as festas e outras atividades sociais estavam restritas à igreja no final de semana. Cada qual ia à igreja que frequentava e às vezes ia com a família em algum

parque. Quase não tinha batizados e quermesses. Os casamentos naquele tempo eram poucos, mas todo mundo era conhecido de perto. Quando as crianças eram pequenas, era muito difícil e cansativo participar de alguma atividade. Em relação ao que faziam as pessoas nos finais de semana, a maior parte ia passear no Horto. Naquele tempo tinha ônibus que levava e trazia desde cedo até 6 horas da tarde. A diversão do povo era o Horto Florestal, pois não tinha muita coisa naquele tempo para as pessoas se divertirem.

O bosque I (Parque do Ingá) não era visitado e somente depois que foi construído o lago que ele foi aberto para passeios. Seu José participou das



Seu José em um tronco de árvore no Horto.

medições e ficou por três meses “emprestado” para prefeitura para fazer o lago contornar a cerca em volta do bosque, no tempo do prefeito Adriano Valente. Também ficou um período na organização da Avenida Duque de Caxias e da Avenida Pedro Taques fazendo a arborização dessas avenidas. Era ele, seu amigo Altino Cardoso, também do Horto, mais uma turma da prefeitura.

Seu José lembra também de algumas brigas dizendo que a confusão armada era só de “bêbado e maloqueiro com mulher safada”. Ele lembra que teve um domingo que prenderam 11 casais no Horto e o “Vinte e Oito” (carro de patrulha) foi buscar esse pessoal, pois desobedeceram as ordens e entraram no mato para fazer “besteira”. Ele e outros trabalhadores seguiam e prendiam. Trabalhava durante a semana e era guarda no domingo, pois quem era escalado tinha que trabalhar no domingo. Mesmo durante o dia, não podia entrar no lago, por isso, muitas pessoas eram repreendidas.

Ele fala também dos enterros. Descreve que naquele tempo quase não morria ninguém, era mais gente de idade e recém-nascidos como no caso da sua filha, a Soninha que morreu com oito meses, vítima de uma paralisia onde ela não conseguia ficar em pé: “foi uma dor sem fim”, ele lembra. Diz ele que quem tratou dela foi o doutor José Soares que também faleceu logo depois. Continua seu José, que naquele tempo não tinha funerária. O caixão era feito em casa com pedaços de tábua e depois iam à loja

e compravam os enfeites para fazer o acabamento. Depois, era levado a pé para o cemitério, muitas vezes por 30 quilômetros da cidade. Não tinha funerária, que só começou quando João Paulino entrou como prefeito.

Sobre o tipo de comida e alimentação, o Sr. José diz que comiam arroz e feijão. Esse era o principal para quem “trabalhava no pesado” e alguma mistura que pudesse adquirir, lembra seu José. Ele podia ir à cooperativa da Companhia e comprava o que era necessário para o mês. Ficava na Rua Silva Jardim esquina com a Av. Tamandaré e a Companhia entregava em casa. Lá tinha de tudo: roupa, botina o que precisasse, e todos os meses eles descontavam e vendiam mais barato que a casa de secos e molhados. Ainda se não pudesse pagar no final do mês por algum motivo, poderia pagar no outro mês. Mercado como os atuais, não tinha nenhum. Existiam apenas algumas casas de secos molhados, do tipo mercearia. Somente quando acabou a cooperativa é que já tinha o mercado Cravinhos na Avenida Brasil, onde ele passou a fazer as compras.

Em relação ao transporte, ele conta que nessa época era feito a pé, de bicicleta, carroça ou cavalo. Carro, ele calcula menos de 2% que possuíam um veículo. Diz ele que só os mais “bom da boca” que tinham carro. Muitos iam à igreja de carroça ou a pé. Às vezes tinha um caminhãozinho que passava e levava todos. A bicicleta seu José usava apenas para trabalhar. As cidades próximas ele quase não conhecia. Lembra apenas de Marialva e Mandaguacú.



Centro de Maringá na década de 1960.

Foi certa vez que Seu José, a serviço, foi até Curitiba, pois para todo lado que tinha serviço da Companhia, ele se encarregava de fazer a jardinagem das praças, avenidas, na cidade e nas fazendas. Em cidades próximas quase não iam, pois a Companhia doava as plantas, vinham buscar e plantavam eles mesmos. Seu José foi também a Paranavaí, Naviraí e Formosa D'oeste fazer praças, jardins e avenidas. A Avenida Colombo ele arborizou desde a polícia rodoviária, perto de Marialva, até chegar ao viaduto antigo da Colombo.

A respeito dos fatos mais marcantes que presenciou na cidade, ele lembra que assistia quando o avião da Esquadrilha da Fumaça, da FAB, caiu em 10 de maio de 1957 no 10º aniversário de Maringá, matando dois oficiais a bordo da aeronave. Depois disso, ele participou da arborização da Praça Raposo Tavares e também da rodoviária.

Por fim, seu José conclui:

*No começo do meu trabalho nós trabalhamos mais na cidade arborizando todas as avenidas e praças de Maringá, a Companhia que arborizava a cidade e nós os funcionários, fazíamos tudo inclusive a Praça Napoleão Moreira da Silva, fizemos durante a noite porque durante o dia era apurado. No horto florestal nós trabalhávamos depois do jantar às seis horas e íamos até as dez da noite para concluir a praça. Eu gostava muito do que eu fazia.*

Seu José conta ainda que na catedral, ele não contribuiu em nada na construção, porque dependia de projeto, mas fizeram a jardinagem da praça e urbanizaram os canteiros, além do pátio da prefeitura nova onde fizeram todos os jardins. Ele lembra também, que catedral era de madeira e fizeram as paredes de fora de tijolos, e só depois desmancharam a parte de dentro para continuar fazendo as celebrações.



Entrada do Horto Florestal na década de 1970.

Os tempos de festa funcionava o parque de exposições perto da igreja de madeira, hoje a Catedral, e ali, seu José viu muitas vezes vários cantores como, Ângela Maria, Vicente Celestino, Tonico e Tinoco e outros cantores caipiras antigos que vinham cantar ali.

O Horto era o único lugar em Maringá que tinha de passeio, era bem cuidado e muito bonito, pois ali tinha muitas plantas em estufa de espécies raras, e segundo conta seu José: "tinha uma época que mandaram contar o povo e o porteiro contava quem entrava, e vinham ônibus lotados. Tinha domingo que entrava mais de 4.800 pessoas".

Atualmente, o Horto Florestal Dr. Luiz Teixeira Mendes vem sendo objeto de uma Ação Civil Pública (726/2003) que indica a um conjunto de procedimentos necessários



Seu José e dona Maria no casamento da neta Mariana.

para a recuperação das condições ambientais desse parque. A Prefeitura de Maringá-PR contratou em julho de 2012, por licitação pública, a IGPlan Inteligência Geográfica Ltda para que a mesma realizasse o Plano de Manejo que ficou disponível na internet no dia 10 de abril de 2013. Contudo, até a presente data, a prefeitura ainda não colocou em execução as obras propostas.

No dia 8 de junho, a Prefeitura de Maringá publicou o edital de licitação para a contratação dos serviços de drenagem pluvial no Horto. As obras tem custo orçado em absurdos R\$ 3.887.289,40.

Seu José faz parte da história viva do Horto. A reserva é um dos poucos fragmentos de mata nativa do Paraná, onde podemos encontrar o Ribeirão Borba Gato que contribui para alimentar a Bacia Hidrográfica do Rio Ivaí. Além disso, é mister afirmar a importância da preservação de espécies ameaçadas de extinção, como a peroba, o alecrim, o ingá, o jequitibá e o guatambu.

O Horto deve ser recuperado e aberto à visitação pública em dias e horários determinados, sendo tudo deliberado e aprovado pelos maringaenses nos fóruns de participação popular.



Seu José e dona Maria na década de 50.